

FRANCISCO CARREGAL: A TRAJETÓRIA DE UM PIONEIRO NEGRO EM UM CLUBE DE FOOTBALL NO RIO DE JANEIRO

Lucas Salgueiro Lopes¹

Resumo: O presente artigo busca apresentar a trajetória pessoal de Francisco Carregal, um dos primeiros negros a atuar por um clube de futebol no Rio de Janeiro. Nascido no fim do século XIX no Rio de Janeiro, Carregal – filho de um branco português com uma negra brasileira – atuou no Bangu Atlético Clube entre 1905 e 1913. Com pesquisa amparada em periódicos da época e na bibliografia existente sobre o tema, esse trabalho almeja melhor detalhar a tão simbólica “carreira” de Carregal numa época de futebol predominantemente branco e elitista.

Palavras-chave: História do Futebol; Francisco Carregal; Bangu Atlético Clube; Futebol Carioca

Francisco Carregal: The way of a black pioneer in a football club in Rio de Janeiro

Abstract: This article presents the personal trajectory of Francisco Carregal, a black pioneer in a football club in Rio de Janeiro. Born at the end of the nineteenth century in Rio de Janeiro, Carregal - son of a portuguese man with a brazilian women - played at Bangu Atlético Clube between 1905 and 1913. With research supported by periodicals of the time and the existing literature on the subject, this article it aims to better detail Carregal's “career” in a predominantly white and elitist football period.

Keywords: History of Football; Francisco Carregal; Bangu Atlético Clube; Football in Rio de Janeiro

Francisco Carregal: El camino de un pionero negro actuando por un club de fútbol en Rio de Janeiro

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo demostrar la trayectoria personal de Francisco Carregal, uno de los primeros negros actuando por um club de fútbol en Rio de Janeiro. Nacido a fines del siglo XIX en Rio de Janeiro, Carregal, hijo de un blanco português con una mujer negra brasileña, jugó en Bangu Atlético Clube entre 1905 y 1913. Con la investigación respaldada por periódicos de la época y la bibliografía existente sobre el tema, este trabajo apunta a detallar mejor la actuación de Carregal en un tiempo de fútbol predominantemente blanco y elitista.

Palabras-clave: Historia del fútbol; Francisco Carregal; Bangu Atlético Clube; Fútbol de Rio de Janeiro

¹ Pós-Graduando em Educação Básica – Gestão Escolar pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). Graduado em História pela UERJ. Graduado em Sociologia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Professor da Educação Básica na Rede Privada e pesquisador do *Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão Fora da Sala de Aula* (UERJ/FFP). E-mail: salgueirollucas@gmail.com. São Gonçalo, Brasil.

Introdução

Em 22 de novembro de 2001 o Bangu Atlético Clube² recebeu na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) a Medalha Tiradentes pelo “destemor e pioneirismo na luta para superar preconceitos discriminatórios contra atletas”.³ No dia 05 de setembro de 2003 foi publicada ementa na ALERJ que declarava como patrimônio cultural do estado o acervo de premiações das entidades, associações e clubes esportivos do estado do Rio de Janeiro.⁴ Entre as justificativas para tal reconhecimento, o autor do projeto cita o papel do futebol na luta contra o racismo no início do século XX.⁵ Nesse sentido, o projeto cita o Bangu como pioneiro na inserção de negros no futebol brasileiro e o caso de Francisco Carregal, que seria “o primeiro negro a atuar (1905 a 1909) em clube de futebol no país”.⁶

Sem dúvidas, Francisco Carregal é um personagem emblemático na história do esporte brasileiro. As informações sobre sua trajetória, porém, ainda são relativamente escassas. O jornalista e historiador Carlos Molinari, principal pesquisador da história do Bangu, provavelmente é quem conseguiu maior levantamento sobre a vida do jogador, em especial, nos momentos quando ainda não era jogador. Molinari, decorrente de vasta pesquisa em atas do Bangu A. C. e periódicos da época, levanta que Carregal nasceu em 26 de março de 1884 no Rio de Janeiro e faleceu em 21 de abril

² Em suas origens com grafia *The Bangu Athletic Club*.

³ Projeto de resolução nº 788/2001 do deputado Noel de Carvalho. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/f25571cac4a61011032564fe0052c89c/89765ad6a899546003256ab10063edf5?OpenDocument>. Acesso em 02 de julho de 2020.

⁴ Projeto de lei nº 730/2003 do deputado Noel de Carvalho. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro0307.nsf/601b690e287e00ad83256cee005890eb/70dda0cfd1ac83b383256d91006e3c98?OpenDocument>. Acesso em 02 de junho de 2020.

⁵ Apesar desse não ser o propósito principal do artigo, cabe problematizar tal afirmação em certa medida. Como Santos (2017) destaca, não podemos fazer um reducionismo dos debates sobre racismo no futebol ao vincular a “presença de atletas negros” com uma verdadeira luta contra o racismo; da mesma forma, isso não significa banalizar o fato da presença de negros em alguns clubes, visto esse ser um passo fundamental. Dessa maneira, cabe rememorarmos o fato do racismo (e da consequente segregação/exclusão do negro) nos campos esportivos estar ligado a um panorama mais amplo do papel dos negros e de sua inserção na sociedade brasileira como um todo (cf. SANTOS, 2008). Assim: “Mesmo os clubes que desde o início apresentavam características mais populares, como o caso do Bangu, sofreram com o racismo” (SANTOS, 2008, p. 140).

⁶ Isso, segundo o texto do citado projeto de lei; como citaremos na parte final do trabalho, tal afirmação vem muito mais da necessidade da criação de um “mito de origem” sobre o tema do que de um fato fechado em si.

de 1949 em Paraguaçu, Minas Gerais. Francisco Carregal era filho de um branco português – que trabalhava na Fábrica Bangu já no fim do século XIX - com uma negra brasileira. Francisco começou a trabalhar cedo, com 10 anos, na “Companhia Progresso Industrial do Brazil” como aprendiz de teares. Sua “carreira” como jogador de futebol do Bangu teria sido entre 1905 e 1913, ano em que se “despediu” dos gramados.^{7 8} É sobre esse período que focaremos as pesquisas desse artigo.

O futebol chega a Bangu

Em 1904 foi fundado o Bangu Athletic Club, com história de forte vínculo com a Fábrica Bangu. A Fábrica, é verdade, tem papel fundamental na própria história do bairro homônimo; como bem destacou Santos Júnior (2013), “a fábrica criou o bairro”, visto que, com ela, “o bairro se reestruturaria não somente em seu aspecto geográfico, mas, sobretudo, na reconfiguração no tempo de lazer” (SANTOS JÚNIOR, 2013, p. 17).

Mas, dando maior ênfase ao futebol em si, deve-se destacar o pioneirismo do Bangu Athletic Club em ser o primeiro clube operário da cidade, dando origem a um modelo que seria adotado por tantos outros clubes posteriormente (vide o Carioca F.C. em 1907, Andarahy A.C. em 1909, Alliança F.C. em 1910, entre outros). Como narra o autor:

Fundado no dia 17 de abril de 1904, o Bangu Athletic Club teve estrangeiros entre seus precursores. Chegados à cidade, ainda em fins do século XIX, para trabalhar para a Companhia Progresso Industrial, que administraria a fábrica de tecidos fundada no bairro, em 1893, um grupo de técnicos ingleses mostrou-se disposto a criar uma agremiação nos moldes daquelas que existiam em seu país. A princípio, os diretores da empresa não pareciam dispostos a apoiar tal iniciativa (...) As restrições só chegariam ao fim com o apoio do novo administrador, João Ferrer, que enxergava benefícios na criação de uma agremiação. Com o apoio da fábrica, os fundadores do clube ampliaram o intuito inicial, atendendo principalmente aos interesses da empresa. (SANTOS JÚNIOR, 2013, p. 3).

⁷ Informações presentes no artigo de Carlos Molinari (2017) para o site “Historiadores do Esporte”. Disponível em: <<https://historiadoresdosportes.com/2017/12/21/o-banguense-francisco-carregal-o-primeiro-jogador-negro-da-historia-do-futebol-carioca/>>. Acesso em 14 de dezembro de 2019.

⁸ Molinari (2010) relata que Carregal atuou pelo Bangu até 1912, no entanto, segundo visto no jornal *A Epoca* do dia 20 de março de 1913, Carregal atuou pelo Bangu em amistoso já em 1913.

Como consta no site oficial do clube,⁹ desde o fim do século XIX já se falava do *football* na Fábrica, muito devido à presença dos já citados técnicos ingleses recém-chegados ao Brasil. Um desses trabalhadores que passou a trabalhar em Bangu era Thomas Donohoe – amante do *football* –, nascido na Escócia, e que trouxera uma bola de couro para seu novo país em 1894. Donohoe teria realizado a primeira partida de futebol em Bangu nesse mesmo ano, sem grandes preocupações com uniformes, número de jogadores ou anotação dos gols (MOLINARI, 2010). Se assim for, Donohoe teria trago a primeira bola de futebol para o Rio de Janeiro, e sua “partida” – ainda que em grande medida improvisada –, ocorreria anterior a primeira partida de futebol que se tem notícia no Brasil, São Paulo Railway 4 x 2 The Team of Gaz, em São Paulo, 1895. No início do século XX, já era comum a prática do futebol em Bangu, em área cedida pela Companhia Progresso Industrial do Brasil e que seria, como foi, um campo provisório, com localização ao lado das salas de trabalho.

Dessa maneira, conseguimos vislumbrar um pouco do ambiente que o jovem Francisco Carregal estava inserido nos seus primeiros anos de trabalho na fábrica, tal como o que podem ter sido seus primeiros contatos com o esporte bretão que acabara de chegar ao Rio de Janeiro.

Esse futebol da primeira década do século, como destaca Mário Filho (2010),¹⁰ era um futebol de brancos – em especial, europeus –, pessoas da

⁹ Disponível em: <<https://www.bangu-ac.com.br/bangu/sua-historia/>>. Acesso em 14 de dezembro de 2019.

¹⁰ O livro *O Negro no futebol brasileiro* (NFB), com primeira edição em 1947 – e dois capítulos adicionados em 1964 –, e de grande inspiração *freyreana*, aborda a temática dos primeiros momentos de segregação do negro no futebol, até a sua afirmação na construção do estilo de jogar do futebol brasileiro. A tese que parte de Mário Filho, e que é tão difundida, não é, obviamente, um consenso no debate acadêmico. Considera-se, por exemplo, a crítica de Antônio Jorge Soares (1999), onde o pesquisador aponta a utilização romantizada da obra de Mário Filho no âmbito acadêmico, marcada pela ausência de um exame crítico por seus seguidores subsequentes. Por não se tratar do tema principal desse trabalho, todavia, não nos aprofundaremos nesse debate, intensificado principalmente na década de 1990. Para interesse da nossa pesquisa, cabem-nos aqui, especialmente, as próprias representações encontradas na época em que Mário Filho – e toda sua geração anterior – escrevia e pensava sobre a cultura brasileira, sobretudo, em uma das mais famosas representações de Francisco Carregal, num clássico atemporal da literatura acerca do futebol brasileiro. Como dito por Helal e Gordon Jr. (2001), “poderíamos entender o NFB como uma compilação de relatos da tradição oral do futebol” (p. 55). Sendo assim: “Ora, os ‘causos’ descritos no NFB sejam ‘verdadeiros’ ou ‘falsos’, expressam justamente sua força histórica quando nos permitem vislumbrar esse ‘clima da época’. Eles nos dão acesso às formas pelos quais as pessoas representavam as relações raciais e as tensões que experimentaram dentro do

elite. O Bangu, por exemplo, foi fundado por sete ingleses, um italiano e um brasileiro (branco). O Brasileiro presente, João Ferrer, “estava ali para não deixar que o Bangu se tornasse exclusivamente um clube de ingleses. E mesmo se não estivesse ali, para fazer do Bangu um clube de fábrica, para os mestres e para os operários” (FILHO, 2010, p. 29). Dessa forma, o Bangu se diferenciava de clubes como o Paissandu (Rio de Janeiro) e o Rio Cricket (Niterói), que eram clubes fechados apenas para ingleses e filhos de ingleses. Na primeira metade do século XX, dos dois maiores clubes do estado seriam fundados: o *Fluminense Football Club* e o *Botafogo Football Club*. O Fluminense era um clube “para poucos”, que deveriam vir de “boa família”; jogavam em seu time homens feitos, chefes de firma, filhos de pai rico; todos com boa renda. No caso do Botafogo, o clube foi fundado por garotos, estudantes que não se identificavam com o Fluminense e os outros clubes já existentes, mas que queriam jogar futebol; seus primeiros fundadores eram, em geral, moradores do bairro homônimo, alunos de colégios como o Alfredo Gomes e o Pedro II. Dessa forma, vê-se como o Bangu fugia da regra geral desde o processo de sua formação (cf. FILHO, 2010, p. 29-39).

A trajetória de Carregal no futebol

Segundo Mário Filho, o Bangu só veio a formar seu time “verdadeiro”¹¹ em 1905 – no ano anterior era um time muito mais improvisado –, possuindo entre seus onze jogadores: cinco ingleses, três italianos, dois

universo do futebol.” (ibidem, p. 56). Somando-se a isso, recorrendo ao importante artigo de Silva (2006) – que “debate” as críticas de Soares –, não podemos desconsiderar ainda que “o NFB foi fruto de uma significativa investigação” (SILVA, 2006, p. 295) empreendida por Mário Filho. Consequentemente, Silva destaca considerar a obra como “um ensaio jornalístico, não uma obra ficcional, nem um texto historiográfico que implica uma série de regras acadêmicas. Como ensaio jornalístico, o trabalho contém uma interpretação, um posicionamento intelectual que, evidentemente, permitem acesso à história” (idem). Ou seja, não é pelo “caráter épico” que trata da trajetória dos negros, ou pela influência literária em sua escrita, que o NFB deve ser visto como um romance, muito menos que deveria ser desprestigiado em trabalhos historiográficos.

¹¹ Cabe destacar nesse termo de Mário Filho uma forte construção de uma hierarquia no futebol que aponta o que é “verdadeiro” ou “falso” no campo esportivo. Nesse ponto, nosso olhar – tal como as versões mais difundidas sobre o tema – se limita aos clubes que foram definidos como “verdadeiros”, deixando de lado, assim, a possibilidade de notar a trajetória de outros negros jogando futebol fora dos “grandes clubes”. Como exemplo, vemos que a própria área da Zona Oeste do Rio de Janeiro possivelmente já tinha jogos de futebol desde dez anos antes, em 1894, atraindo públicos bem diversificados, que não se restringiam às colônias inglesas (cf. SOUZA, 2015, p. 14).

portugueses e um brasileiro. O brasileiro era justamente ele, Francisco Carregal, negro, escalado no ataque do clube da Zona Oeste. Molinari destaca que esse time entrara pela primeira vez em campo no ano em 14 de maio, contra o Fluminense (ver foto do time na Imagem 1). Uma vitória heroica! O placar marcava 5 a 3 para os alvirrubros. Carregal se destacara no jogo não por seu futebol, mas por seu jeito de se vestir:

Francisco Carregal, talvez por ser brasileiro e mulato, o único brasileiro, o único mulato do time, caprichou na maneira de vestir. Era o mais bem vestido dos jogadores do Bangu. Um verdadeiro dândi em campo. (FILHO, 2010, p. 32).

Os ingleses não prestavam muita atenção a esses detalhes. Eram mais descuidados da maneira de se vestir do que os italianos e os portugueses. E muito mais descuidados do que o brasileiro Francisco Carregal. Talvez por orgulho de raça superior (...) As botinas travadas de Francisco Carregal, novinhas em folha. Se não novinhas, engraxadas de manhã para o jogo (...) Francisco Carregal, um simples tecelão, comprou tudo de novo: as botinas travadas, as meias de lã, os calções. (FILHO, 2010, p. 33).

Tamanhos cuidados, segundo aponta Mario Filho, não parecem ser por vaidade de Francisco, mas, sobretudo, por necessidade de não parecer “tão mulato”, parecer branco; ao menos para não escandalizar os outros.

Imagem 1: O Bangu que entrou em campo em 14 de maio de 1905 (imagem ilustrativa).



O time do Bangu em 14 de maio de 1905, antes da partida contra o Fluminense no campo da Fábrica: da esquerda para a direita, última fila: José Villas Boas (Presidente Interino), Frederick Jacques e João Ferrer (Presidente Honorário); fila do meio: César Bochialini, Francisco de Barros, John Stark, Dante Delocco e Justino Fortes; fila da frente: Segundo Maffeu, Thomas Hellowell, Francisco Carregal, William Procter e James Hartley.

Fonte: <<http://www.bangu.net/informacao/livros/nosequesomosbanguenses/1905.php>>. Acesso em: 03 de janeiro de 2020.

Em pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, buscando por citações referentes a “Francisco Carregal” no período de 1900 a 1909 em jornais do Rio de Janeiro, encontramos trinta e duas ocorrências distribuídas num total de nove periódicos. Seleccionamos o *Jornal do Brasil* para uma pesquisa mais apurada, visto que esse foi o periódico que obteve maior constância na cobertura de partidas de futebol no Rio de Janeiro no período. Acerca de Carregal, esse jornal corresponde, sozinho, a metade das publicações que citam o jogador. O *Jornal do Brasil*, desde sua fundação em 1891 se destaca pela cobertura dos esportes – inicialmente vinculada às notícias de corridas de cavalo que ocorriam no “Jockey Club”; o jornal foi pioneiro em 1912 ao ser o primeiro a dedicar uma página inteira aos esportes. Tal ampliação pode ser vista como um reflexo da popularização dos esportes – inclusive o futebol – durante esse início de século XX (FONSECA, 2008, p. 43).

O material encontrado no *Jornal do Brasil* compreende o período entre 1905 e 1907. Nesse primeiro ano, as citações são simples. Em todas às vezes Carregal é citado apenas nas escalações do Bangu, onde poucos detalhes sobre os jogos são citados. Nenhum atributo do jogador durante as exhibições é mencionado. A descoberta mais importante, nesse caso, é saber que um jogador negro não atuou apenas em um jogo, por acaso, mas que era um jogador regular do time principal do Bangu.

A partir de 1906, os jornais contêm algumas informações mais valiosas que nos faz melhor reconstruir os passos de Carregal no esporte. O jornal de 21 de junho menciona uma partida realizada pelo Bangu – um embate entre dois times do próprio clube – dias antes, em que Francisco Carregal era capitão de uma das equipes. Seu time venceu o jogo, e Carregal atuou como goleiro na partida¹². No jornal de 13 de setembro, em outra partida amistosa, agora contra o Andarahy F.C., novamente Carregal é indicado na escalação do Bangu como capitão do time, agora atuando como zagueiro¹³. É necessário um adendo, no entanto: Molinari (2017) destaca que já em 1906, Carregal havia deixado o “primeiro time” do Bangu e jogava

¹² *Jornal do Brasil* do dia 21 de junho de 1906, página 4, edição 00172 de 1906.

¹³ *Jornal do Brasil* do dia 13 de setembro de 1906, página 4, edição 00256 de 1906.

apenas pelo segundo time do clube, que fazia as preliminares do time principal. Ainda assim, é importante ver que Carregal diversas vezes “capitaneava” esse segundo time, na qual ainda era o único negro. No time principal, a partir de 1906, outro jogador negro figurava nas escalões do Bangu, o goleiro Manuel Maia.

Nesse mesmo ano, é encontrada uma menção de que o Bangu estava organizando uma competição de "*sports athleticos*" e havia inscrito os atletas participantes. Entre eles, estava Carregal, inscrito para a "IV Corrida de Caçambas e Batatas".¹⁴ Em edição de 06 de setembro de 1907, Carregal volta a aparecer como inscrito pelo Bangu para a disputa de esportes atléticos. Dessa vez, impressiona o número de modalidades em que é inscrito: "corrida rasa", "salto em altura", "corrida de saco", "corridas de agulhas e fios", "corridas de barreiras", "corrida de caçambas e batatas" e "corrida rasa".¹⁵ No jornal da semana seguinte, em 14 de setembro, o *Jornal do Brasil* noticiava que Francisco Carregal havia ficado em primeiro lugar na disputa da corrida rasa, recebendo como prêmio uma mala de mão.¹⁶

Em matéria de 24 de maio de 1907, é dito que em assembleia geral Francisco Carregal havia sido eleito como tesoureiro do Esperança Football Club.¹⁷ Segundo o mesmo *Jornal do Brasil*, o Esperança havia sido fundado em 1905 por empregados da “Companhia Progresso Industrial do Brasil”, em Bangu. Parece tratar-se de dissidências vindas de dentro do próprio Bangu Atlético Clube.¹⁸

Por fim, ainda em 1907, é mencionado em duas ocasiões que Francisco Carregal atuara como árbitro em jogos de futebol. Num amistoso entre dois times do Bangu, Carregal foi utilizado como árbitro da partida, citado no jornal de 20 de abril.¹⁹ Numa partida entre Bangu e Brasil Athletic Club válida pela disputa da Taça Bangu, novamente é citado que Carregal foi

¹⁴ *Jornal do Brasil* do dia 09 de novembro de 1906, página 5, edição 00313 de 1906.

¹⁵ *Jornal do Brasil* do dia 06 de setembro de 1907, página 5, edição 00249 de 1906.

¹⁶ *Jornal do Brasil* do dia 14 de setembro de 1907, página 7, edição 00257 de 1906.

¹⁷ *Jornal do Brasil* do dia 24 de maio de 1907, página 7, edição 00144 de 1907.

¹⁸ *Jornal do Brasil*, [data ilegível] de 1905; página 12, edição 00277 de 1905.

¹⁹ *Jornal do Brasil* do dia 20 de abril de 1907, página 7, edição 00110 de 1907.

o árbitro da partida. Nessa matéria, ele já é citado como "Francisco Carregal, do Esperança".²⁰

Tais levantamentos podem nos ajudar a perceber alguns aspectos dessa “carreira” de Francisco Carregal como atleta. Dentro do futebol, o jogador foi um verdadeiro “coringa”, atuando em todas as posições possíveis: de goleiro à atacante, chegando até mesmo a ser juiz em partidas envolvendo o Bangu. Aliás, o prestígio no clube pode ser demonstrado no momento em que Carregal foi escolhido mais de uma vez como capitão do time, representação máxima de um clube dentro de campo. Sem dúvida, um fato notável numa época em que ainda eram raríssimos os casos de jogadores negros até mesmo poderem atuar nos clubes. O conceito do jogador foi para além do Bangu A. C., onde foi indicado como tesoureiro do recém-fundado Esperança Football Club, também do bairro. Um ponto de grande curiosidade é o interesse – e sucesso de Carregal – no atletismo, onde competiu em diversas modalidades e chegou a ser campeão. Podemos cogitar, dessa forma, que o futebol não era necessariamente a única – ou até mesmo a maior – prioridade de Francisco Carregal nos esportes.

Em nenhum momento o Jornal menciona o fato de Carregal ser negro. A partir da década seguinte, o jornal tem poucas ocorrências sobre o jogador. Entre 1910 e 1919 são apenas oito ocorrências encontradas; sete são do período entre 1913 e 1914, correspondendo à divulgação de lista de mesários para as Eleições Municipais, na qual Carregal havia sido escolhido. A oitava – e última – menção refere-se à comemoração do título da 3ª divisão da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, vencido pelo Esperança F.C., em que Carregal ainda fazia parte da comissão técnica à época.

A principal ocorrência do período, no entanto, foge das pesquisas realizadas no *Jornal do Brasil*. Buscamos no *Gazeta de Notícias* a curta matéria que fala sobre o desligamento do Bangu da Liga Metropolitana dos Sports Athleticos. Tal fato se deu pela nota da Liga, dias antes, que proibia que os clubes utilizassem jogadores negros no seu time. Naquele momento, com Carregal e Maia no time, o Bangu tomou essa decisão.

²⁰ *Jornal do Brasil* do dia 01 de junho de 1907, página 5, edição 00152 de 1907.

Sabemos que o Bangu Athletic Club, em data de 1 do corrente, officiou a Liga Metropolitana dos Sports Athleticos, desligando-se em virtude de não convir ao mesmo glorioso club fazer parte da conceituada liga. Com igual data, mas em officio entregue ao correio no dia 4 do corrente, como verificamos no timbre do correio, foi expedido pelo senhor J. da Rocha Gomes, secretário da liga, o seguinte officio: “Communico-vos que a directoria da Liga, em sessão de hoje, resolveu por unanimidade de votos que não sejam registrados *como amator nessa liga as pessoas de côr*. Para os fins convenientes ficou deliberado que a todos os clubs filiados se officiasse nesse sentido, afim daqueles scientes dessa resolução de acordo com ella possam proceder. Com alta estima e apresso etc.”²¹

O distanciamento dos campos

Como vemos então, mesmo de fora da liga, exatamente pela proibição de atletas amadores negros, Carregal segue no Bangu, atuando como jogador e desenvolvendo outras funções. Já em 1912, como observado no jornal *A Epoca*, ao noticiar uma “reunião familiar” que ocorreria na sede social do Bangu, Francisco Carregal é listado como membro da diretoria do clube.²² Como visto em jornais posteriores, do ano seguinte, Carregal desenvolvia o cargo de tesoureiro do Bangu nessa época. Já em 1913, é relatado um amistoso do Bangu contra o Paracamby F. B. C. em que Francisco Carregal estava escalado pra jogar; isso mostra, diferente do que Molinari afirmara anteriormente, que o jogador não havia jogado seu último jogo pelo Bangu no ano anterior.²³

A maior parte das ocorrências do nome de Francisco Carregal no jornal *A Epoca* dessa década, no entanto, são relativas à sua nova empreitada: seu cargo de proprietário do Cinema Bangu, o primeiro cinema do bairro. Por quase todas as reportagens, é destacado o estima que Carregal possuía, e o quanto esse era popular no bairro de Bangu. Como explica Molinari (2017): “Neste mesmo ano [1912] (...) adquiriu um cinema – o Cinema Bangu – em sociedade com o imigrante russo Ludwig Grigorovski. O primeiro cinema do bairro chegou a abrigar, inclusive, lutas de boxe e fez diversas sessões beneficentes”.

²¹ *Gazeta de Noticias* do dia 18 de maio de 1907, página 3, edição 00138 de 1907.

²² *A Epoca* do dia 12 de outubro de 1912, página 5, edição 00074 de 1912.

²³ *A Epoca* do dia 20 de março de 1913, página 7, edição 00233 de 1913.

Imagem 2: Foto de Francisco Carregal já como empresário do Cinema Bangu.



Fonte: Foto veiculada no jornal *A Época* em 09 de junho de 1914. Disponível em Hemeroteca Digital

Durante a década de 1910 o Jornal *A Época* foi o que mais publicou ocorrências acerca de Francisco Carregal, ao todo trinta e nove vezes. Muito se deve a “linha popular” que o jornal seguia; um dos quadros do periódico era o “Nos Suburbios!”, onde estiveram vinculadas a maior parte das notícias sobre Carregal.²⁴

A *Época*, apesar de apresentar refinados artigos e ensaios de cultura e moda galante, também tinha uma linha popular, voltada a questões sociais e trabalhistas (...) O diário ainda tratava de assuntos ligados ao cotidiano e às condições de vida da população suburbana carioca na seção "Nos Suburbios!", onde tanto eram destacados acontecimentos interessantes quanto expostos problemas de infraestrutura, violência, etc. (BRASIL, 2014).

Como visto em Molinari, a partir de pesquisa nas atas de reunião do Bangu Atlético Clube, Carregal parece ter rompido com o clube no fim da década, ao fim do seu período como tesoureiro. Com a chegada de uma nova

²⁴ Como visto nesse mesmo artigo de Bruno Brasil (2014), o *A Época* muitas vezes abordava notícias de lutas e manifestações do operariado; sua "Columna Operaria" noticiava comumente sobre greves, reivindicações proletárias, etc. O autor nota que frequentemente o jornal demonstrava-se simpático a causa socialista.

diretoria em 1916, Carregal briga com os dirigentes e se afasta do clube. A briga se inicia pela demora de Carregal a apresentar os relatórios financeiros do ano anterior.

Já ao fim de sua vida, na década de 1940, parecia não haver resquícios dessa briga, e, merecidamente, Francisco Carregal chega a receber homenagem em 1947 – portanto, dois anos antes de sua morte:

Carregal não passaria a vida brigado com o Bangu. Em 1941, ajudou a fundar a seção de veteranos do clube, proporcionando diversão aos antigos jogadores. Em 15 de novembro de 1947, quando o Bangu encerrou as atividades do histórico campo da Rua Ferrer e inaugurou o Estádio Proletário, Francisco Carregal voltou a ser lembrado. Juntamente com o italiano Secondo Maffeo e o inglês William Hellowell – pioneiros da fundação do clube, em 1904 – Carregal arriou a bandeira alvirrubra da Rua Ferrer, desfilou com ela pelas ruas do bairro, até hasteá-la novamente em Moça Bonita. (MOLINARI, 2010)

Considerações finais

Apesar do notório sucesso e recorrente participação no futebol carioca das duas primeiras décadas do século XX – quando ainda se era muito reduzida à participação de negros no futebol –, percebe-se que a ascensão social de Francisco Carregal decorreu muito mais do seu trabalho fora dos campos. Apesar de manter-se ligado ao futebol durante boa parte de sua vida (seja como jogador ou dirigente), pouco destaque ganhou com isso. Ainda que hoje pareça relevante o fato de Carregal ser o “primeiro jogador” negro a atuar por um clube do Rio de Janeiro, na época o fato não era digno de destaque; o racismo e a segregação do negro – vide a proibição de 1907 – ocorriam com espantosa naturalidade.

Tal relevância apontada – em Carregal ser “o primeiro jogador negro atuando por um clube do Rio de Janeiro” –, não podemos deixar de destacar, vem muito de uma necessidade de um fato fundador. Ao passarmos por narrativas que buscam uma “reinvenção” da história do negro no futebol brasileiro, precisa-se encontrar um “mito de origem” para se identificar a gênese da ascensão do que viria a se tornar a característica principal do

“futebol arte” nas representações da imprensa brasileira décadas mais tarde: o improvisado presente na cultura negra, no futebol praticado pelos populares.

O mais importante não é fechar uma versão que promova nosso personagem à condição de “primeiro”; é mais relevante, portanto, pensar na trajetória de Carregal para além do mito, reconhecendo seu papel pioneiro. O futebol no início do século XX (e possivelmente desde fins do século XIX), já era praticado na própria Zona Oeste (cf. SOUZA, 2015). O esporte bretão era de prática mais simples, logicamente, não demandando materiais sofisticados ou campos oficiais; vinha na contramão do remo, por exemplo, tão popular no fim do século XIX e que era excludente por natureza, com seus caros equipamentos e altas taxas de inclusão nos clubes (SANTOS, 2008). O futebol, que chega ao Brasil atrelado a um costume elitista, vem a fazer parte desde muito cedo da cultura popular presente no subúrbio que é Bangu (cf. SANTOS JUNIOR, 2017).

Tendo chegado ao Bangu A. C. em 1905, decorrente do seu trabalho na “Companhia Progresso Industrial do Brasil”, Carregal não deixou de trabalhar na fábrica durante todo esse tempo. Se chegou ao local como aprendiz de tear em 1894, rápido foi galgando melhores posições. Nesse sentido, a fala de Mário Filho é emblemática:

Afinal de contas, o Bangu era, apesar do *The*, um clube dos trabalhadores da Companhia Progresso Industrial do Brasil. Se não fosse a fábrica, como o clube arranjaría um campo? O campo só? E o resto? O resto era tudo. O operário que jogava ao lado dos mestres, branco ou preto, não subia, não descia, ficava onde estava. Se quisesse subir tinha que trabalhar muito, de aprender muito, para passar de tecelão a mestre. Como Francisco Carregal acabaria passando à custa do trabalho, e não de futebol. O futebol era divertimento. Como todo divertimento custava dinheiro. (FILHO, 2010, p. 34).

Em notícia do *A Epoca* de 1913, em que o jornal relatava a morte do jovem filho de Carregal, Heitor, de um ano, Francisco Carregal é identificado como “estimado empresário do cinema Bangú e contra-mestre de teares da fábrica local”.²⁵ Sem dúvidas a compra do Cinema Bangu em sociedade com Ludwig Grigorovski elevou o patamar social de Carregal, agora aparecendo

²⁵ *A Epoca* do dia 20 de dezembro de 1913, página 6, edição 00509 de 1913.

recorrentemente nas páginas de jornal com os mais diversos elogios. Também nota-se a sua promoção na Companhia, agora passando a contramestre.

O jornal de 16 de outubro de 1919 anunciava com pompas a novidade na fábrica de Bangu: o novo mestre geral da fábrica de tecido, Francisco Carregal! Após o pedido de demissão do antigo mestre, Willian Worden, Carregal foi o escolhido para ocupar seu cargo. O jornal conta sua trajetória até chegar a essa posição:

A diretoria da fábrica aceitando o pedido de demissão do sr. Worden, resolveu promover ao referido cargo, o sr. Francisco Carregal, que entrou para aquella fabrica com a idade de 10 annos, como aprendiz de teares, aos 20 passou a contra-mestre de teares, aos 32 annos a contra-mestre geral e devido finalmente ao seu aprimorado talento alcança elle agora o alto cargo de mestre geral.²⁶

A casa de Carregal se colocava em festa naquele dia. O Sr. Worden partia de Bangu para a Inglaterra com o desejo de encontrar sua família. Na sua despedida do país, declara estar feliz por ver que Carregal assumia seu posto, um “filho da casa”, que reunia todas as boas qualidades necessárias para desenvolver um grande trabalho como mestre da fábrica.²⁷

Referências

BANGU. *Sua História*. Site oficial do Bangu Atlético Clube. Disponível em: <https://www.bangu-ac.com.br/bangu/sua-historia/>. Acessado em 14 de junho de 2019.

BRASIL, Bruno. A ÉPOCA (RIO DE JANEIRO, 1912). *BN Digital*. 2014. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-epoca/>.

FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FONSECA, Letícia Pedruce. *A construção visual do Jornal do Brasil na primeira metade do século XX*. Dissertação (Mestrado em Design) – Departamento de Artes & Design do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica – RJ. Rio de Janeiro, 2008.

²⁶ *A Epoca* do dia 16 de outubro de 1919, página 3, edição 02647 de 1919.

²⁷ Idem.

HELAL, Ronaldo; GORDON Jr., Cesar C. Sociologia, História e Romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, Ronaldo et. al. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, p. 51-76, 2001.

MOLINARI, Carlos. *E nós somos Banguenses*. Rio de Janeiro: Ícone, 2010.

Disponível em:

<http://www.bangu.net/informacao/livros/nosequesomosbanguenses/apresentacao.php>.

_____. O banguense Francisco Carregal, o primeiro jogador negro da história do futebol carioca. *Historiadores do Esporte*, dez. 2017. Disponível em: <https://historiadoresdosportes.com/2017/12/21/o-banguense-francisco-carregal-o-primeiro-jogador-negro-da-historia-do-futebol-carioca/>.

RIO DE JANEIRO. *Projeto de lei nº 730/2003*. Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Projeto de resolução nº 788/2001*. Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2001.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. Futebol e racismo no Brasil. *Revista IHGB*, Rio de Janeiro, vol. 439, p. 131-148, abr./jun., 2008.

_____. O racismo e a participação do negro no esporte. *História(s) do SPORT*, 24 de abril de 2017. Disponível em: <https://historiadosportes.wordpress.com/2017/04/24/o-racismo-e-a-participacao-do-negro-no-esporte/>.

SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge. A VIDA DIVERTIDA SUBURBANA: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929). Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (UFMG). Minas Gerais, 2017.

_____. Quando a fábrica cria o clube: o processo de organização do Bangu Athletic Club (1910). *Recorde: Revista de História do Esporte*, volume 6, número 1, jan./jun., 2013.

SILVA, Carlos Leonardo Bahiense da. Sobre o Negro no Futebol Brasileiro, de Mário Filho. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória Social dos Esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. – Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

SOARES, Antônio Jorge. História e Invenção de Tradições no Campo do Futebol. *Revista Estudos Históricos*, vol. 13, nº 23, Fundação Getúlio Vargas, p. 119-146, 1999.

SOUZA, Glauco José Costa. “O Football nós podemos jogar”: uma análise sobre o desenvolvimento do futebol fora dos clubes da elite do Rio de Janeiro. *Recorde: Revista de História do Esporte*, volume 8, número 2, jul./dez., 2015.

Recebido em 08 de janeiro de 2020

Aprovado em 28 de julho de 2020